

# Agendas do clima e da biodiversidade precisam convergir

» YURI RUGAI MARINHO

Advogado, mestre em direito ambiental, membro da Latin American Climate Lawyers Initiative for Mobilizing Action, sócio-diretor da ECCON Soluções Ambientais

» MARINA MONNÉ DE OLIVEIRA

Mestre em direito ambiental e urbanístico e coordenadora de carbono da ECCON Soluções Ambientais

As questões relacionadas ao clima e à biodiversidade têm caminhado de forma pouco conectadas nestes últimos 30 anos, após a assinatura conjunta de países de tratados internacionais, no Rio de Janeiro, em 1992. Mas o cenário parece estar mudando, em vista do que se observou este ano na 16ª Conferência das Partes da Convenção de Diversidade Biológica, a COP16, na Colômbia.

Em Cali, delegações e especialistas em questões climáticas contribuíram com discussões sobre biodiversidade, ante a expectativa de criação de um mercado de créditos de biodiversidade e de avanços com ferramentas de financiamento. No tema do clima, os créditos de carbono e o financiamento são frentes que já evoluíram, respectivamente, a partir da COP3, com o Protocolo de Kyoto, e da COP21, com o Acordo de Paris.

A Convenção-Quadro das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas tem encontros mais frequentes — as COPs anuais — e conseguiu emplacar mundialmente, no início dos anos 2000, um mercado de carbono composto por sistemas regulados (o mais famoso é o mercado europeu) e sistemas voluntários (é o caso do Brasil). Neste mês, é a vez da COP29, do clima, em Baku, no Azerbaijão — e muitas delegações e especialistas do clima resolveram antecipar a discussão para a biodiversidade.

Os créditos de carbono se mostraram um importante instrumento econômico utilizado pela comunidade internacional para acelerar o alcance dos resultados climáticos desejados e estabelecidos nos tratados internacionais. Da mesma forma, os créditos de biodiversidade podem ser reconhecidos como unidades mensuráveis e rastreáveis que podem ser negociados e comercializados por instituições públicas e privadas para o alcance das metas traçadas.

Enquanto os créditos de carbono se baseiam na remoção ou redução de emissões de gases de efeito estufa, os créditos de biodiversidade estão voltados à conservação da diversidade biológica. A discussão sobre créditos de biodiversidade ganhou força após a COP15, que ocorreu em 2022 na cidade de Montreal (Canadá) e terminou com um acordo histórico para a tomada de ações concretas. A discussão sobre financiamento foi aquecida em Cali e será o principal tema da COP em Baku, no que diz respeito ao financiamento climático.

Para a biodiversidade, um dos assuntos mais esperados para discussão na COP16 era como alcançar US\$ 200 bilhões por ano para que se cumpram as metas de conservação e preservação até 2030, estabelecidas pelo Marco Global da Biodiversidade, firmado na COP15 de Montreal. Para o clima, o valor atual aprovado de financiamento é de US\$ 100 bilhões por ano, e espera-se que, em Baku, esse valor seja aumentado significativamente, assim como o debate em torno de uma maior transparência na demonstração do atingimento do montante pelos países desenvolvidos.



O financiamento climático é essencial para a continuidade da jornada dos países na redução e remoção de emissões de gás de efeito estufa (GEE).

No Brasil, iniciativas no mercado de carbono se concretizam em projetos de carbono ligados a diversos setores, em especial à redução do desmatamento e à restauração. O investimento nessas iniciativas e em outras, como projetos públicos de conservação e políticas públicas de incentivo à conservação e restauração, implica em inegáveis benefícios à biodiversidade brasileira.

Clima e biodiversidade têm uma relação profunda: se a biodiversidade é prejudicada, os ciclos naturais são diretamente afetados (chuvas, nutrição do solo, ciclo de vida da fauna e flora, funcionamento das cadeias alimentares etc.), o que implica em reflexos climáticos (menos capacidade de resfriamento no microclima, de retenção de carbono etc.).

O aquecimento global em altos níveis é igualmente prejudicial à biodiversidade, pois compromete a dinâmica biológica de algumas espécies, afeta negativamente habitats, altera a disponibilidade de alimento, água e nutrientes essenciais à fauna e flora. Tudo isso tem alto

potencial de reduzir a diversidade biológica da qual a humanidade depende para a produção de alimentos e medicamentos, por exemplo.

A aproximação das agendas de clima e biodiversidade é bastante saudável e necessária. A COP28, ocorrida em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, foi a maior COP climática de todos os tempos, com cerca de 80 mil pessoas. Já a COP16, de Cali, foi a maior COP de biodiversidade, com aproximadamente 20 mil pessoas.

Em questões climáticas, os impactos negativos são de fácil identificação e estão ocorrendo em todo o planeta, a exemplo da seca na Amazônia, fogos no Pantanal, alagamentos no Rio Grande do Sul e na Espanha, citando apenas casos conhecidos do ano de 2024, que ganharam contornos de tragédia.

No universo da biodiversidade, os impactos negativos não mais sutis aos nossos olhos, embora sejam igualmente perigosos à nossa existência. Talvez, o mais compreensível seja o risco de ficarmos sem alimento ou recursos medicinais suficientes. As duas agendas precisam convergir, e os países têm que avançar nas negociações e na busca por soluções.

## Demagogia e populismo: a maneira de se perpetuar no poder

» MARCELO ANTÔNIO NEVES

Coronel do Exército Brasileiro na reserva. Foi observador militar da Organização das Nações Unidas (ONU) para El Salvador e bacharel em ciências militares e administração de empresas

A política tem armadilhas que podem capturar eleitores inexperientes ou despreparados com facilidade, levando-os a votar em massa com base em discursos emocionais e passionais, abandonando avaliações racionais e escolhas elaboradas. Para falar de política, é essencial compreender várias facetas dessa atividade humana. Duas das mais proeminentes são o populismo e a demagogia, sendo crucial entendê-las como ferramentas para alcançar o poder.

A palavra demagogia vem do grego: *demo* que significa povo, população + *ago-gôs* ou liderar, liderança. Na Grécia e na Roma antiga, o demagogo era encarregado de falar pela população que estava excluída das decisões políticas. O populismo, segundo o dicionário, é uma prática que busca a simpatia das classes sociais mais baixas, defendendo seus interesses, por meio de políticas paternalistas e assistencialistas.

Demagogia, por exemplo, tornou-se um rótulo que prejudica a reputação de qualquer pessoa pública. Longe de ser um elogio, busca manipular a maioria por meio de argumentos aparentemente comuns, mesclados com falácias, prática que remonta à Grécia antiga e é vista como uma distorção da realidade.

A atuação demagógica, dependendo da persuasão do agente e da penetração de suas mensagens, pode levar a posicionamentos radicais, provocando a polarização de ideias e dificultando debates e consensos, realidade muito comum na política brasileira. O político demagogo distorce informações, adota ações para legitimar um interesse ou perspectiva incompleta, levando seu eleitorado a posições desejadas, por meio de narrativas, meias verdades ou omissões, usando argumentos falaciosos. A demagogia é a raiz da polarização.

O populismo está fortemente relacionado às práticas políticas de governos, sobretudo na América Latina durante o século 20. No Brasil, o populismo clássico teve o seu auge no período de 1930 a 1964. Presidentes como Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubitschek e João Goulart foram considerados símbolos do populismo. Essa prática evoluiu até os dias atuais e está associada a governos com grande apelo junto às camadas mais pobres da população.

Existem características peculiares que ajudam a traçar o perfil do político populista, as quais se destacam a liderança direta e não institucionalizada do líder com as massas, o nacionalismo econômico, o discurso de união das massas, a liderança baseada no clientelismo e o sistema partidário frágil.

Nesse contexto, um conceito importante a ser considerado é o da pós-verdade, que se refere à manipulação retórica, por meio da qual os fatos objetivos têm menos influência do que apelos emocionais e crenças pessoais. Essa prática não se limita apenas aos políticos, mas abrange diversos atores sociais, como institutos de pesquisa, agências de propaganda, jornalistas e até mesmo cidadãos comuns, que disseminam desinformação, denominada em tempos atuais de fake news.

Com a popularização das redes sociais e a rapidez na disseminação das informações, a demagogia e o populismo ganharam maior alcance, criando um terreno fértil para a radicalização e polarização de opiniões.

Os políticos 3P (populistas, polarizadores e usuários da pós-verdade) se valem da retórica do catastrofismo, da criminalização de opositores, das ameaças externas e da militarização da política para polarizar os debates e impor suas posições. Essas estratégias visam criar um clima extremo na sociedade, manipulando a opinião pública.

Em meio ao cenário caótico da política, é fundamental que exercemos um papel ativo na escolha de nossos representantes, optando por políticos propositivos e comprometidos com o bem-estar da sociedade. A conscientização e a participação ativa são essenciais para promovermos mudanças positivas no ambiente político.

Portanto, é crucial estarmos atentos aos discursos e práticas dos políticos, buscando candidatos que apresentem propostas reais e coerentes com as nossas necessidades. A escolha criteriosa dos líderes políticos é fundamental para garantirmos um futuro de crescimento sustentável e democrático.

## Os Estados Unidos e o mundo sob Donald Trump

» PIO PENNA FILHO

Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB)

A vitória eleitoral de Donald Trump surpreendeu boa parte do mundo. Havia uma expectativa de que Kamala Harris poderia ser a vencedora na disputada eleição dos Estados Unidos. Mas deu Trump. Isso tem grandes implicações para a política internacional. É possível imaginar várias mudanças, diretas e indiretas, inclusive para o Brasil, mas, sobretudo para o mundo.

Essa vitória consagra, pelo menos momentaneamente, a predominância de uma perspectiva conservadora e liberal, algo que se costuma chamar de “direita”. Uma eleição nos Estados Unidos implica em impactos globais, muito diferente do que acontece em um país que não tenha as características dos EUA. A mudança de governo lá será sentida em escala mundial.

A volta de Trump ao poder significa a volta de um ideal político, talvez não claramente definido, mas que tem indicações ideológicas claras e profundas. Governos liberais que foram eleitos nos últimos anos se sentirão muito fortalecidos. Um dos exemplos mais evidentes é o da Argentina. Mas ele não é o único. E outros virão.

Isso quer dizer que, muito provavelmente, haverá o crescimento de partidos com ideologias afins àquelas desse setor dos Republicanos que estão de volta ao poder nos Estados

Unidos. No caso do Brasil, por exemplo, Luiz Inácio Lula da Silva nunca escondeu sua preferência pessoal pela candidata derrotada. E, no nosso caso, o ex-presidente Jair Bolsonaro já se apressou em marcar sua posição favorável a essa mudança de poder.

O Brasil é apenas um ator secundário na política externa dos Estados Unidos. Temas mais relevantes ocupam a agenda internacional daquele país. Guerra da Ucrânia, conflitos no Oriente Médio, política externa chinesa, liberalismo e “guerra comercial”, sobretudo com a China, enfim, assuntos de primeira hora da agenda internacional. Como se comportará o novo governo dos Estados Unidos? Mudanças radicais? Arriscado dizer.

É um tanto improvável que Trump tenha capacidade para promover um giro radical na política externa norte-americana. Mudanças certamente virão. Mas tudo indica que não serão revolucionárias. Ajustes serão feitos. Mas os temas mais relevantes ainda despertam muita curiosidade sobre o que realmente pode mudar. E, mesmo considerando todo o peso dos Estados Unidos, até mesmo eles têm limitações.

Haverá uma transformação radical no que diz respeito à guerra na Ucrânia? Nas relações com a Rússia e com a China? E com a Coreia do Norte?

Muito difícil fazer qualquer afirmação, pelo menos por enquanto. Trump já foi presidente dos Estados Unidos, e muito do que ele prometeu em campanha eleitoral não foi cumprido. O que dizer, por exemplo, sobre a questão dos imigrantes? Por seguidas falas, ele já teria fechado completamente os Estados Unidos para imigrações não desejadas. Mas isso não aconteceu.

Não é difícil imaginar, contudo, que o impacto da nova administração nos Estados Unidos terá desdobramentos profundos ao beneficiar candidatos conservadores e liberais em muitos países. A vitória de Trump reforça o apelo político desses movimentos. Mas mesmo isso não será capaz de frear as disparidades geopolíticas existentes. Pelo contrário, tem tudo para acirrar ainda mais as tensões mundiais em áreas estratégicas.

Donald Trump tem uma visão política sobre o panorama internacional. O maior dilema é que se trata do presidente do país mais poderoso do mundo. E, mais perigoso ainda, em seu último e definitivo mandato. Trump não poderá mais concorrer às eleições presidenciais nos Estados Unidos. Isso coloca o mundo diante de um sério dilema. Estamos diante de um estadista ou não? A resposta para esse dilema é de extrema relevância.